



TALENTOS



FENAE



APCEF



Diretoria Executiva

Diretor-presidente:

Jair Pedro Ferreira

Diretor vice-presidente:

Sérgio Takemoto

Diretor de Administração e Finanças:

Clotário Cardoso

Diretor de Comunicação e Imprensa:

Marcos Aurélio Saraiva Holanda

Diretor de Esportes:

Carlos Alberto Oliveira Lima (Caco)

Diretor Sociocultural:

Moacir Carneiro da Costa

Diretora de Assuntos de Aposentados e Pensionistas:

Marlene Rodrigues Dias

Diretora de Saúde e Previdência:

Fabiana Cristina Meneguele Matheus

Diretora de Juventude:

Rachel de Araújo Weber

Diretora de Relações de Trabalho:

Rita de Cássia Santos Lima

Diretor da Região Norte:

Jerry Fiusa dos Santos

Diretora da Região Nordeste:

Giselle Maria Araujo Lima

Diretor da Região Centro-Oeste:

José Herculano do Nascimento Neto (Bala)

Diretor da Região Sudeste:

Dionísio Reis Siqueira

Diretora da Região Sul:

Célia Margit Zingler

Superintendente de Comunicação e Relacionamento:

Gioconda Bretas

Gerente de Comunicação:

Flávia Filipini

Gerencia de Relacionamento:

Gisele Mota

Redação conteúdo:

Nanda Barreto e Pamela dos Santos

Redação publicitária:

Ana Luíza Victorino

Fotos:

David Collaço

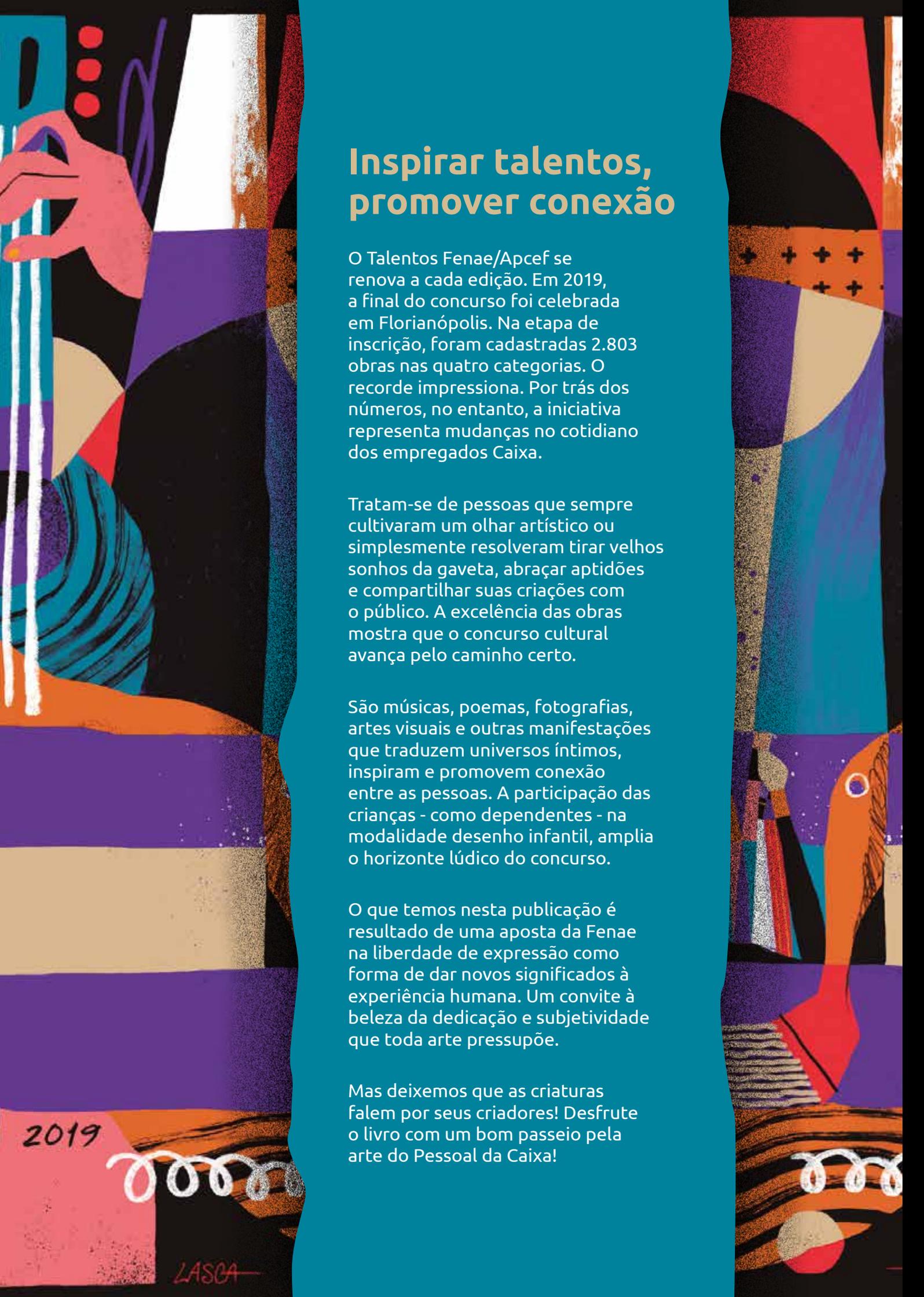
Arte:

Lisarb Senna de Mello

Equipe Talentos 2019:

**Ana Luíza Victorino, Eliane Costa,
Vanessa Dantas, Vera Damascena
e Samires Gonçalves**





Inspirar talentos, promover conexão

O Talentos Fena/Apcef se renova a cada edição. Em 2019, a final do concurso foi celebrada em Florianópolis. Na etapa de inscrição, foram cadastradas 2.803 obras nas quatro categorias. O recorde impressiona. Por trás dos números, no entanto, a iniciativa representa mudanças no cotidiano dos empregados Caixa.

Tratam-se de pessoas que sempre cultivaram um olhar artístico ou simplesmente resolveram tirar velhos sonhos da gaveta, abraçar aptidões e compartilhar suas criações com o público. A excelência das obras mostra que o concurso cultural avança pelo caminho certo.

São músicas, poemas, fotografias, artes visuais e outras manifestações que traduzem universos íntimos, inspiram e promovem conexão entre as pessoas. A participação das crianças - como dependentes - na modalidade desenho infantil, amplia o horizonte lúdico do concurso.

O que temos nesta publicação é resultado de uma aposta da Fena/Apcef na liberdade de expressão como forma de dar novos significados à experiência humana. Um convite à beleza da dedicação e subjetividade que toda arte pressupõe.

Mas deixemos que as criaturas falem por seus criadores! Desfrute o livro com um bom passeio pela arte do Pessoal da Caixa!

2019

LASCA

Fenae 360

Nestes 159 anos de história, a Caixa esteve presente nas principais transformações do Brasil. Isso significa que os empregados do banco fizeram e fazem parte da construção e do crescimento do país. Mais que isso, contribuem com desenvolvimento das diversas regiões, em áreas como habitação, saneamento, educação, cultura, esporte, apoio ao trabalhador e políticas sociais que reduzem a desigualdade.

É por tudo isso que a Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa (Fenae) tem como missão o bem-estar do pessoal da Caixa. Cuidar de quem cuida, este é o foco das 27 Apcefs, atuando na defesa dos direitos e incentivando o acesso à cultura, esporte e lazer.

Faça parte desta história:
visite fenae.org.br e participe das nossas ações!

07 Artes visuais

21 Foto e Filme

35 Música

49 Literatura

Jair Pedro Ferreira

Presidente da Fenae

“O Brasil precisa de pessoas talentosas para enfrentar suas dificuldades e desafios. E nós da Fenae e empregados Caixa estamos aqui cumprindo nosso papel e a nossa missão, que é promover o bem-estar social, cultural e esportivo do pessoal da Caixa. E a cultura faz parte disso.”



Sérgio Takemoto

Vice-presidente da Fenae

“Para nós da Fenae, é muito importante incentivar a cultura, principalmente nesse momento em que nós vemos todas as expressões de arte sendo atacadas. O momento é de resistência. Temos que resistir na defesa da Caixa e na defesa dos direitos dos trabalhadores.”



Moacir Carneiro da Costa

Diretor Sociocultural da Fenae

“Eu queria agradecer aos principais agentes do Talentos: os artistas da Caixa, que colocaram poesias, contos, cômicas, músicas, filmes, desenhos e fotos à disposição de todos. O Talentos Fenae/Apcef nasceu como um concurso, mas hoje se tornou uma grande plataforma de talentos, incentivando a produção cultural pelos trabalhadores da Caixa. Tenho o orgulho de estar à frente do Talentos desde o início e tenho certeza que muitos novos artistas vão aparecer para fazê-lo crescer ainda mais”.



Marco Antonio Zanardi

Presidente da Apcef/SC

“Passamos por tempos difíceis atualmente na Caixa, na Funcef e no nosso país. Mas temos certeza de que a arte é capaz de promover mudanças e contamos com isso. Nós, bancários, gostamos muito de números, e tem um número muito importante para nós que é a Caixa 100% pública. Não podemos abrir mão disso”.



An abstract collage artwork featuring a variety of colors and shapes. The composition includes a large orange shape on the left, a central white and blue textured band, and several other shapes in red, purple, yellow, and black. The overall style is expressive and artistic, with a focus on bold colors and geometric forms.

Representar o mundo de forma artística ou simplesmente dar matéria à imaginação. As artes visuais são nossa forma de propor significados e releituras às experiências. O Talentos Fenaé/Apcef propõe inúmeras formas de expressão: ilustrações, pinturas, colagens e gravuras são alguns dos recursos criativos utilizados pelos empregados, nas modalidades **Desenho e Pintura** e **Desenho Infantil**. Com abertura e incentivo à participação das crianças, esta categoria fortalece o elo entre gerações de artistas.

ARTES

visuais







Desenho e Pintura

1º Lugar



**Alex
Costa**

“Lago de carpas”

APCEF/AL

“A arte é uma forma de expressar e me comunicar. Gosto de desenhar figuras humanas e busco retratar as pessoas que eu amo. Ainda estou explorando técnicas, mas pretendo trilhar uma carreira à parte”

Desenho e Pintura

2º Lugar

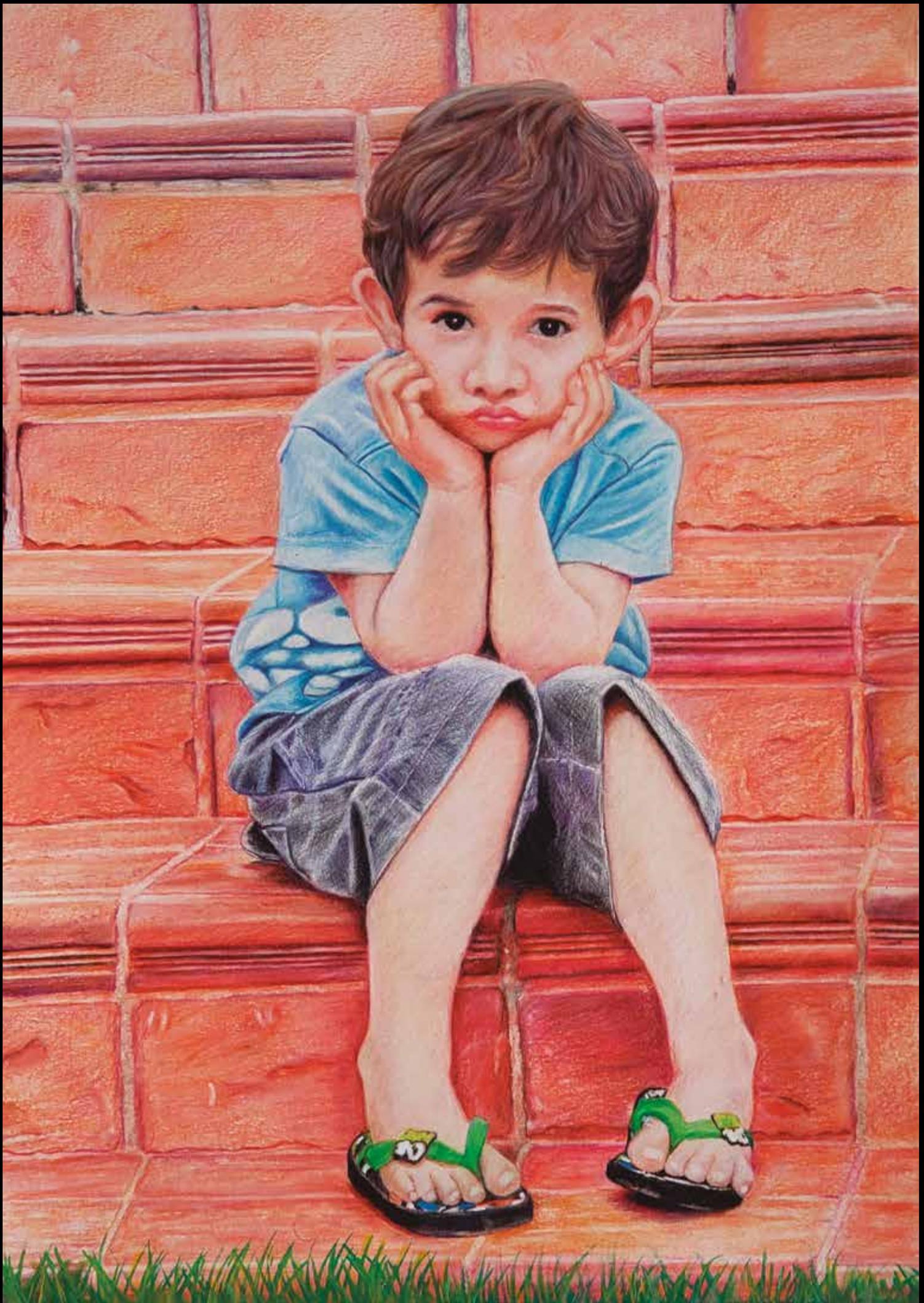


**Itagiba
Alves**

“Tlistinho”

APCEF/MG

“Desenhar para mim é natural como respirar... Não consigo ficar muito tempo sem fazer um desenho. Tlistinho foi um desenho feito a partir de uma foto que tirei do filho de uma colega de trabalho. Levei cinco anos até desenvolver a técnica necessária para transformar a foto em desenho.”



V I K I N G S



Desenho e Pintura

3º Lugar



Emerson Albuquerque

“Vikings”

APCEF/DF

“Gosto do processo da arte, da beleza e importância dos caminhos quando se busca um destino. O mundo contemporâneo tende a valorizar a padronização. Esperam-se perguntas, respostas e comportamentos iguais. A arte é a representação lapidada das nossas ideias particulares.”



Desenho

Infantil

1º Lugar



Rian Minamizawa

*Associada:
Andreia Minamizawa*

“Por do sol”

APCEF/SC

“Gosto de colocar o que eu penso no papel. Arte para mim é diversão! Minhas inspirações são a natureza, lugares onde vejo beleza e criações de Deus. Desenhar é um momento de tranquilidade que eu tenho.”







Desenho

Infantil

2º Lugar



Clarissa Ferreira

Associado:
Nelson Ferreira Filho

“Más notícias”

APCEF/RS

“Desenhar faz parte da minha rotina, sempre fez. A arte representa pra mim todas as certezas e incertezas, porque eu passo todos os dias fazendo duas coisas: criando arte e consumindo arte.”

Desenho

Infantil

3º Lugar



Lucas da Paz

*Associado:
Rafael da Paz*

“Teatro Amazonas”

APCEF/AM

“Desde pequeno eu desenho, é o meu hobby. Eu escolhi representar o Teatro Amazonas porque é o principal monumento da minha cidade, e se destaca em meio a tanta beleza natural.”







Registrar momentos que estão a um clique. Dar luz, câmera e ação à criatividade. Fotografar realidades ou inventar narrativas por meio de recursos audiovisuais são das formas de arte mais praticadas e consumidas no mundo inteiro. Com conteúdos que emocionam e trazem reflexões, a categoria **Foto** e **Filme** - com uma modalidade para cada expressão artística - é uma das mais concorridas do Talentos Fenaef/Apcef. Quem ganha somos todos nós!

Foto

&

FILME





FILME

1º Lugar



80 TIROS

SINOPSE: Tendo como motivação o caso de uma família que foi alvejada com 80 tiros - sem motivos - pela Polícia Militar do Rio de Janeiro, em 2019, causando a morte do músico Evaldo Rosa e do catador de material reciclado Luciano Macedo, o filme traz uma crítica sobre o genocídio negro no Brasil.

José Nery

“Parem de nos matar”

APCEF/SE

“Após este caso horrorizante que impactou o Brasil, vi a necessidade de produzir um vídeo sobre o genocídio negro atrelado ao racismo velado na nossa sociedade”.

FILME

2º Lugar

TERRA VIVA

SINOPSE: A obra retrata um dos grandes problemas enfrentados pela humanidade: o lixo doméstico. Ao demonstrar que somos responsáveis pela causa do problema, a narrativa convida à reflexão sobre mudanças de comportamento que minimizem os impactos no meio ambiente. Nesse contexto, o filme apresenta o importante trabalho desenvolvido pela Associação de Catadores de Materiais Recicláveis – TERRA VIVA, situada em Boa Vista (RO).

**Josimilson
Sales**

“Terra viva”

APCEF/RR

“Eu quis fomentar uma reflexão para esta e as futuras gerações, estimulando a conscientização sobre o consumo desenfreado e suas consequências devastadoras. Participar do Talentos Fenaef/Apcef é uma experiência inesquecível, que nos possibilita expressar a arte em várias modalidades, mantendo sempre viva na memória a nossa identidade e culturas regionais.”







Futuros amantes

SINOPSE: Inspirado na música homônima de Chico Buarque, o filme retrata a ideia de amor através do tempo e espaço. Traz a história de um casal que se separa em determinada época, mas que se reencontra ao longo das gerações em contextos diversos. A obra foi criada a partir de desenho livre em mesa digitalizadora e possui aproximadamente 400 quadros em sequência.

**Fernanda
de Jesus**

“Futuros amantes”

APCEF/BA

“Sempre fui fã das canções criativas de Chico Buarque e, desde criança, a palavra “escafandristas” desta canção me deixava curiosa. Quando descobri o que significava e fui amadurecendo a compreensão sobre a obra, a cada dia me inspirava e visualizava aquela canção como um filme. Finalmente, em 2019, tive a oportunidade de produzir este clipe para o Talentos FENAE. Foi uma experiência fantástica!”

Foto

1º Lugar



Jaqueline Nascimento

“Aurora”

APCEF/PB

“Fotografia é um hobby que tenho há bastante tempo. Ao olhar uma foto, a lembrança enche o coração de saudades. A fotografia nos faz reviver muitas coisas boas.”









Foto

2º Lugar



Rafael Ângelo Almeida

“Uccelli della piazza”

APCEF/BA

“Eu gosto de fotografia de rua. Busco capturar momentos do cotidiano. São registros históricos, tendências de uma época que daqui a dez, vinte anos, vamos poder olhar e ter uma noção de como era no passado. É também algo que expressa a experiência do fotógrafo no lugar certo e na hora exata do clique.”

Foto

3º Lugar

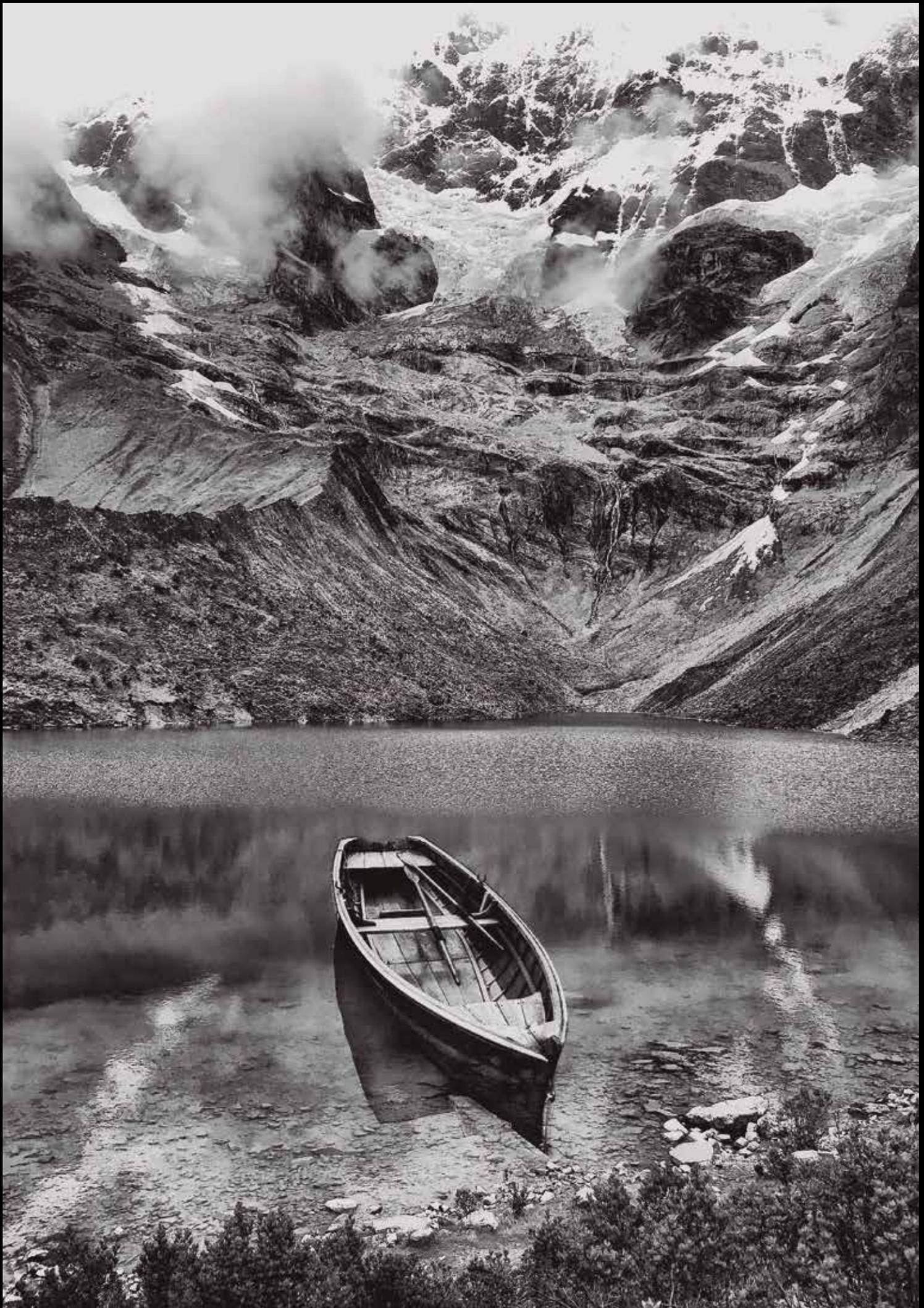


**Alexander
da Silva**

“Laguna”

APCEF/SP

“A fotografia transmite emoções e sentimentos contidos num pequeno instante. A fotografia vencedora no Talentos Fena/Apcef foi realizada durante uma viagem ao Peru. Esse registro significa pra mim eternizar o olhar e mostrar uma bela e amorosa perspectiva do mundo.”



The background is a vibrant, abstract collage. It features a central tan-colored area with black, swirling brushstrokes and a large blue musical note. Surrounding this are various geometric shapes and colors: a red rectangle at the top left, a purple rectangle below it, an orange circle to the left, and a red shape with two black vertical bars at the bottom. The overall composition is dynamic and artistic.

O ritmo e a sonoridade fazem parte da história humana. Nunca houve uma civilização ou agrupamento que não criasse suas próprias manifestações musicais. Compor e interpretar são práticas culturais que o Talentos Fenaé/Apcef valoriza e celebra. Com diferentes estilos, os vencedores desta categoria - com as modalidades **Composição** e **Interpretação** - nos convidam a passear por cadências, compassos e canções.

MÚ Si Ca





1º Lugar

Paulo Roberto de Araújo APCEF/CE

Valsinha

Trago que a alma draga feito uma
adaga em nosso coração
O barco que a gente naufraga tem um capitão
Covarde, tirano
Insano e barde
Há de tal engano findar em um motim
No alto mar, um trampolim

Um salto de olhos bem abertos
onde a gente queira
Um passo, outro passo, e já não há fronteira
Eles não passarão

Travo que a carne afaga como uma
chaga na palma da mão
O amargo que nos embriaga vem de um varão
Espúrio, insensato
De fato um perjúrio
Injúrio, desacato não tarda a ter fim
E a gente vai cantar assim

Um canto de olhos bem abertos
onde a gente queira
Um canto, outro canto, e já não há fronteira
Eles não cantarão

Um passo, outro passo
Um canto, outro canto
Um passo
Um canto



Intérprete:
Raquel Gomes



Uma canção de amor (Mais ou menos)

Tempos difíceis
e eu insisto em cantar
uma canção de amor
Com por do sol
Com lua cheia
E beijos no portã
eletrônico

Ai o amor
Nesses tempos digitais
Perdeu o prumo
E a emoção
Migrou pras mídias sociais

E seus aparelhos geniais
Tem o mundo na palma da mão

ai o amor...
Inteligências artificiais
Máquinas,
menos coração
Programado em bits e bytes
falsas alegrias pontuais
O amor a pé na contramão

Intérprete:
Tião Sodré





Signo

Amei teu jeito convencido.
Laçou
Meu peito enlouquecido, e mais...
Iguais,
A mesma natureza
Nudez,
Te vejo com clareza,
Espelho de minha alma...

A sós
E tão desinibidos.
Letal
Desejo escondido em mim.
Irmã,
Pois somos almas gêmeas,
Na voz,
No signo e no lema.
Efeito que me acalma...

Acesa, leoa atroz.
Infrene!
Nenhum de nós
Entende toda essa paixão...
Amável, lábio carmim.
Insana
Navalha em mim.
Espero ter seu coração...



Mia Gioconda

Versão português: Vicente Celestino

Do dia que nascemos e vivemos para o mundo
Nos falta uma costela que encontramos num segundo
Às vezes muito perto desejamos encontrá-la
No entanto é preciso muito longe ir buscá-la

Vejamos o destino de um pracinha brasileiro
Partindo para a Itália transformou-se num guerreiro
E lá muito distante, despontar o amor sentiu
E disse estas palavras a uma jovem quando a viu

Italiana

La mia vita oggi sei tu
Io te voglio tanto bene
Partiremo due insieme
Ti lasciar non posso più

Italiana

Voglio a ti piccola bionda
Ha il viso degli amori
La tue labbra son due fiori
Tu sarai la mia Gioconda

Vencido o inimigo que antes fora varonil
Recebeu a F.E.B. Ordem de embarcar para o Brasil
Dizia a mesma ordem
Quem casou, não poderá levar consigo a esposa
A esposa ficará

Prometeu então o bravo, ao dar baixa e ser civil
Embarcarás amada, para os céus do meu Brasil
E, enquanto ela esperava lá no cais napolitano
Repetia estas palavras no idioma italiano

Brasiliano

La mia vita oggi sei tu
Io ti voglio tanto bene
Chiedo a Dio que tu venga
Ti scordar non posso più

Brasiliano

Sono ancora la tua bionda
Mi sposo hai lasciato
Questo cuore abbandonato
Che chiamasti di Gioconda

Di Gioconda

Di Gioconda



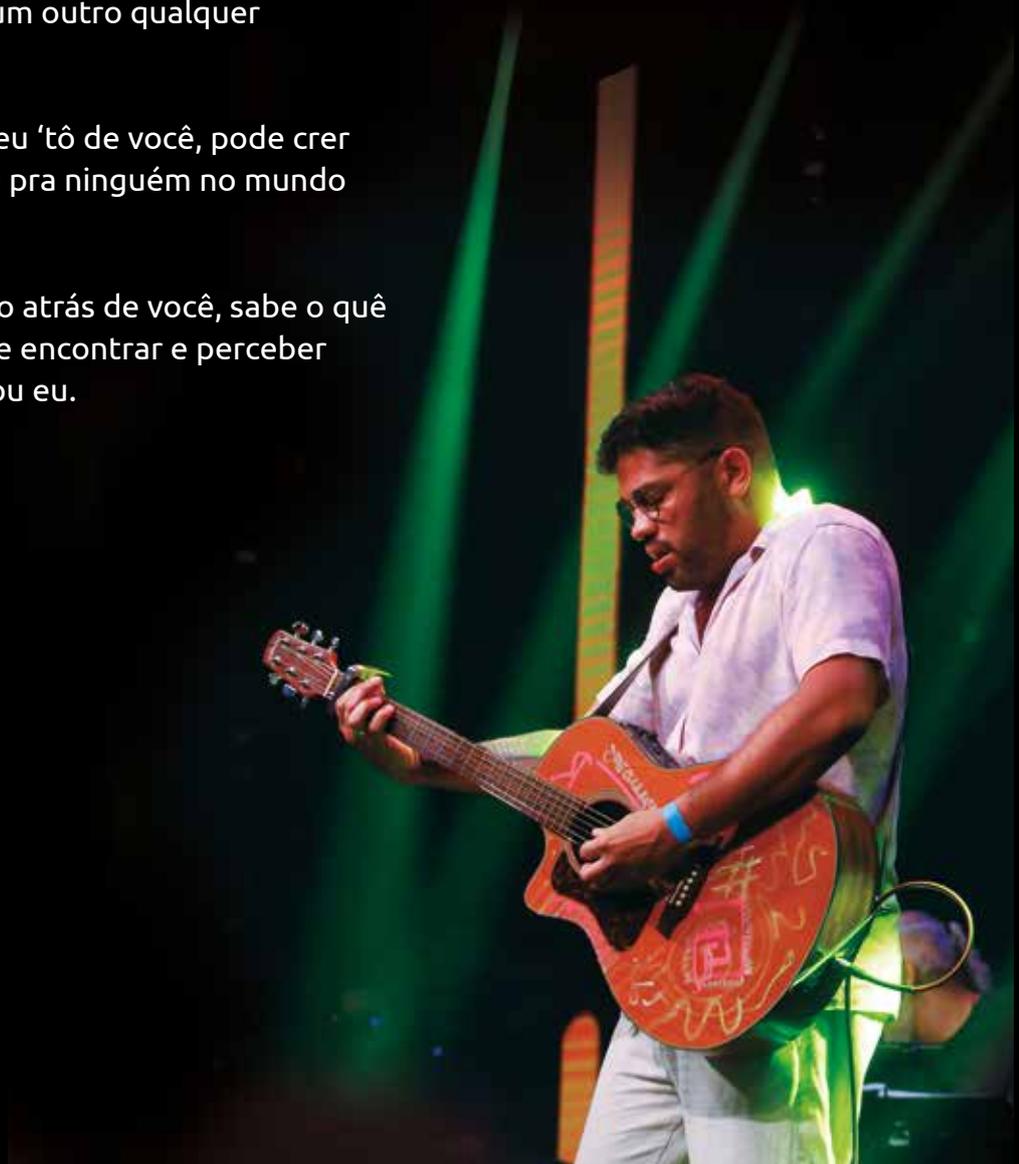




Pra você dar o nome

5 a Seco

Deixa pra lá
Que de nada adianta esse papo de agora não dá
Que eu te quero é agora
E não posso nem vou te esperar
Que esse lance de um tempo nunca funcionou pra nós dois
Sempre que der
Mande um sinal de vida de onde estiver dessa vez
Qualquer coisa que faça eu pensar que você está bem
Ou deitada nos braços de um outro qualquer
Que é melhor
Do que sofrer
De saudade de mim como eu 'tô de você, pode crer
Que essa dor eu não quero pra ninguém no mundo
Imagina só pra você
Quero é te ver
Dando volta no mundo indo atrás de você, sabe o quê
Rezando pra um dia você se encontrar e perceber
Que o que falta em você sou eu.



Ne me quitte pas

Jacques Brel

Ne me quitte pas
Il faut oublier
Tout peut s'oublier
Qui s'enfuit déjà
Oublier le temps
Des malentendus
Et le temps perdu
À savoir comment
Oublier ces heures
Qui tuaient parfois
À coups de pourquoi
Le coeur du bonheur
Ne me quitte pas

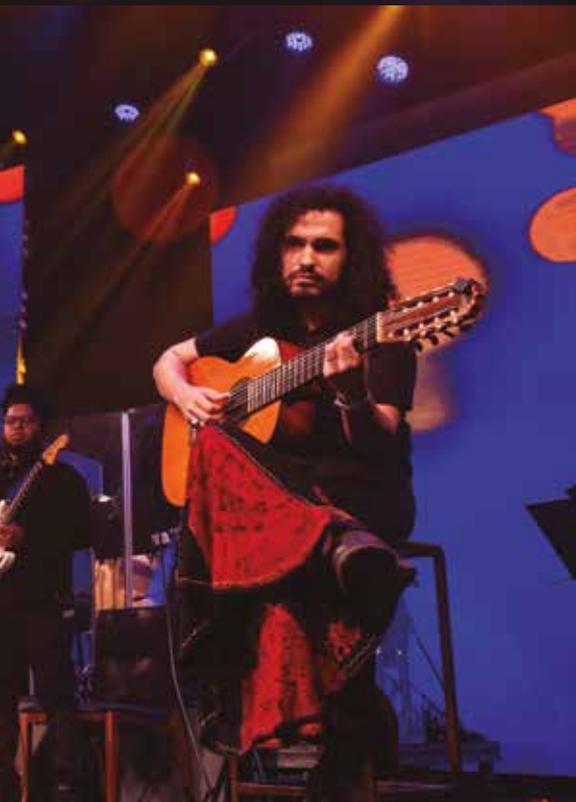
Moi je t'offrirai
Des perles de pluie
Venues de pays
Où il ne pleut pas
Je creuserai la terre
Jusqu'après ma mort
Pour couvrir ton corps
D'or et de lumière
Je ferai un domaine
Où l'amour sera roi
Où l'amour sera loi
Où tu seras reine
Ne me quitte pas

Ne me quitte pas
Je t'inventerai
Des mots insensés
Que tu comprendras
Je te parlerai
De ces amants là
Qui ont vu deux fois
Leurs coeurs s'embraser
Je te raconterai
L'histoire de ce roi
Mort de n'avoir pas
Pu te rencontrer
Ne me quitte pas

On a vu souvent
Rejaillir le feu
De l'ancien volcan
Qu'on croyait trop vieux
Il est paraît-il
Des terres brûlées
Donnant plus de blé
Qu'un meilleur avril
Et quand vient le soir
Pour qu'un ciel flamboie
Le rouge et le noir
Ne s'épousent-ils pas
Ne me quitte pas

Ne me quitte pas
Je ne vais plus pleurer
Je ne vais plus parler
Je me cacherai là
À te regarder
Danser et sourire
Et à t'écouter
Chanter et puis rire
Laisse-moi devenir
L'ombre de ton ombre
L'ombre de ta main
L'ombre de ton chien
Ne me quitte pas





A linguagem escrita tem este poder de representar o universo interno e externo por meio das palavras. A literatura cria pontes entre os seres humanos, desfaz distâncias e nos leva a lugares novos - dentro e fora da gente. Contar e escrever histórias é um jeito silencioso de ecoar no mundo. No nosso concurso, abraçamos esta arte nas modalidades **Contos e Crônicas** e **Poesia**.



Lite

RA

TURA

**CONTOS
E CRÔNICAS**

1º Lugar

**Paulo
Roberto
de Araújo**
APCEF/CE



O homem mínimo

Era um péssimo administrador. Não velava pelos órgãos do qual era responsável, e em consequência de tantos descuidados, estes vivam constantemente à beira da falência. Não raro, interferências externas eram obrigadas a serem tomadas para evitar a bancarrota total. E aí, endividamentos, descontrole de tal monta que geravam valores impagáveis, eternamente rolados; calotes. Comentava-se: Como pode ser assim! A natureza extremamente generosa, ofereceu as melhores condições e tal estrutura, se bem cuidada, viveria com grande tranquilidade. Mas para ele, a vida era uma farra.

Diante das pressões e questionamentos, constantemente transferia responsabilidades: "Não posso ser culpado por problemas que não se iniciaram comigo. Tudo isso acontece por herança! Todos esses problemas são crônicos e hereditários!" E nada fazia para mudar, ou bem pouco fazia.

Iniciaram-se os protestos, primeiro internamente. O mal-estar era abafado com medidas de efeitos temporários, remédios e soluções que não iam ao cerne dos problemas. E o quadro foi piorando, a ponto de ele perder o controle e por diversas vezes ser obrigado à humilhante situação de gestão externa. Como agravante, tais interferências não buscavam a melhoria. Era cercado de exploradores, que retiravam todos os seus recursos.

Diante de quadro tão grave, somente medidas extremas.

Foi quando todos os Órgãos então se reuniram para discussão do problema. Alguma coisa necessitava ser feita, pois o caos era eminente. O descaso administrativo iria matar a todos. Não foi fácil chegar a um consenso, diversos setores protestaram contra as ideias apresentadas, capitaneadas pelo cérebro, mas a minoria resistente foi vencida. A venda de alguns setores era a única saída. Alguns protestaram com veemência e com argumentação óbvia. Não tinham valia no mercado externo, embora de vital importância para funcionamento da máquina. Porém, foram convencidos, e outros vencidos, diante do exposto de que a venda de alguns seria suficiente para a garantia de qualidade dos que permaneceriam. Claro que seriam necessários ajustes, enxugamentos, cortes dos excessos; mas isso permitiria uma longevidade a todos. Foram então ao mercado.

Os primeiros a serem vendidos foram os que tinha estrutura em duplicidade. A ideia era de se enxugar a máquina, mas conservando todos os órgãos. Obviamente que todos que apresen-

taram resistência e oposição, com influência negativa sobre as ideias de privatização foram os primeiros. O rim da esquerda e o pulmão da esquerda foram leiloados e conseguiram bons preços no mercado.

Com isso, houve no primeiro momento uma melhora na administração. Dinheiro em caixa, menos descuidos com o próprio patrimônio. Vida mais regrada, e cuidados necessários na adaptação à nova realidade. Porém, passados alguns meses, já adaptado à nova condição, voltaram os problemas. O dinheiro já estava escasso e a economia externa agora pedia mais. Nova rodada de negociações entre os órgãos para resolver o problema. Pâncreas sofreu um corte de 50% e o fígado em torno de 70%. De acordo com os especialistas, mesmo com a redução, os dois órgãos continuariam operantes.

Agora era tempo de controle. Com recursos, mas com poderes restritos, o Administrador vivia em rígido regime. Várias atividades já não podiam ser realizadas, mesmo as que geravam rendas, como a doação de sangue e de medula óssea. Os Órgãos agora, em tempos austeros, e sucateados, dependiam constantemente de suplementos que na maioria das vezes eram negados pela gestão.

Iniciaram-se as greves. Alguns dentes fugiram, o estômago provocava refluxos, o intestino se recusava a trabalhar, o coração alterava a velocidade dos batimentos, os corpos cavernosos não absorviam sangue. Com o organismo beirando o caos, o cérebro então tomou pulso forte. Com enorme influência sobre vários outros órgãos, marketing, e com forte trabalho psicológico que chegava a doer, conduziu um processo que drasticamente seria a solução do problema. Era urgente a privatização.

Partiram então para os órgãos do segundo escalão. O Baço foi arrematado em valores bem superior ao previsto. Além disso, a garantia de eventuais hemodíalises por um período de 20 anos, pois rim e fígado, já combalidos, trabalhavam duramente. Foi constatado também que o pênis estava subutilizado. Foi a maior negociação realizada até então, com valores que garantiriam 15 anos de manutenção do organismo restante. Estava bem mais organizado e bem cuidado. Não retirava do rosto o charmoso óculo escuro que recebeu de presente do senhor que recebeu suas córneas. Corpo esbelto, bem cuidado.

A estabilidade total foi conseguida com a substituição do coração por uma máquina moderna, fabricação americana. Podia-se observar através dos aparelhos instalados, a completo equilíbrio atingido, e por tanto tempo desejado.

Estava estabelecido o Homem mínimo.

**CONTOS
e CRÔNICAS**

2º Lugar

**Eduardo
de Souza**
APCEF/AP



A menina que caçava pirilampos

Contam os mais velhos daquele lugar, situado muito longe dos grandes centros urbanos, que havia uma menina muito inteligente e esperta. Para todas as situações sempre tinha um jeito ou uma solução, para resolver os seus problemas. Ninguém do lugarejo sabia explicar, porque ao cair da noite, a menina pegava um puçá, daqueles que pegamos borboletas, e adentrava o matagal, para apanhar pirilampos. Minutos depois, a menina voltava toda contente, com uma garrafa cheia dos pirilampos piscando, e apressada corria até sua casa e ficava trancada em seu quarto. Muitas vezes, seus pais, tinham que obrigá-la a sair, para jantar ou ingerir um alimento, antes de dormir. Mas antes de ir para cama, a menina abria a janela do quarto e soltava todos os insetos capturados.

Certo dia, chegou ao lugarejo; um médico, juntamente com uma caravana de outros profissionais, para fazerem uma ação de apoio médico-social, destas que são comuns nos dias de hoje. Aquele homem; ficou intrigado com a história da menina que caçava os pirilampos e depois os soltava, e passou os dias em que esteve no lugar, observando atentamente aquela garota. Consultou os moradores e a professora da escola local, todos foram unânimes em elogiar a menina. Um comentário da diretora, foi o que lhe chamou mais atenção. A menina adorava ler e contar muitas histórias, segundo ela, a garota já tinha devorado todos os livros da biblioteca, não havia nenhum que ainda não tivesse sido folheado por aquela aluna.

Na véspera de ir embora do lugarejo, o homem resolveu ir visitar a casa dos pais da menina, justamente no horário em que ela ia caçar seus pi-

rilampos. Ao ser recebido pelos pais, foi logo indagando se eles sabiam para que ela apanhava os bichinhos. O pai, na sua simplicidade, apenas pediu que ele aguardasse um pouco enquanto saboreavam um café da roça. A menina ao retornar, foi passando para seu quarto e nem prestou atenção na visita do médico. Seu pai pediu para que ela não trancasse a porta do quarto, e minutos depois, quando tudo estava silencioso, o visitante foi conduzido ao aposento da garota, para observar o que ela fazia. Ficou surpreso ao ver que a menina usava os pirilampos presos na garrafa, como uma lanterna, para que ela pudesse ampliar seus conhecimentos e aprimorar sua leitura, visto que não havia luz elétrica no lugar e as lamparinas e candeeiros eram apagados, para economia do querosene que os alimentava. Apenas perguntou à menina: qual seu sonho garota? Ao que ela respondeu sem titubear: Ser uma grande escritora e poder contar suas histórias para outras pessoas. O homem emocionado, despediu-se e voltou para onde estava hospedado.

Ao retornar, o médico contou a história que havia presenciado, para sua esposa. A mulher ficou interessada em conhecer a menina e na primeira oportunidade rumaram para aquele lugarejo. A mulher do doutor, era simplesmente uma escritora renomada e ofereceu ajudar a menina para realizar seu sonho. Anos mais tarde, ao lançar sua primeira obra, aquela menina, já então mulher, teve a honra de autografar e dedicar seu primeiro exemplar à sua madrinha. Mesmo tornando-se uma celebre escritora, aquela menina nunca esqueceu suas raízes e conseguiu melhorias para seu povo, e sempre que pode vai visitar o lugar, e ao cair da noite, ainda brinca de caçar os pirilampos.

**CONTOS
e CRÔNICAS**

3º Lugar

Diego Vital
APCEF/SC



Ao olhar para trás

São poucos os motivos fortes o suficiente para fazer alguém perder a vida por outra pessoa. Partindo do princípio de que todos somos seres formados pela união de uma porção carnal e outra parte imaterial, combinação de sentimentos, alma e coração, talvez o amor seja o mais forte de todos.

Ainda assim, talvez o único tipo de amor capaz de atingir tamanha força seja aquele que transcende o espírito e entra fundo na carne, o sentimento que corre nas veias e nos faz ser quem somos pelo simples motivo de termos em nossa história a soma das histórias de várias outras pessoas. Refiro-me, nesse caso, não ao amor platônico, nem àquele tão romantizado em nossas artes, nos livros, nas músicas e em cada respiro de Shakespeare. Falo do amor verdadeiro, puro, sincero e visceral, aquele que nos tira a noção de nossas limitações físicas e nos faz invencíveis. É o amor de um filho pelos pais, o amor de um pai pelos filhos. É o amor atemporal, que vence todas as barreiras do tempo, que é mais perene do que nossa própria existência.

Além dele, qual outro motivo? Será que existe outro motivo? Uma soma impensável de dinheiro? O saldo gordo da conta no banco? A certeza de viver uma vida tranquila para sempre, mesmo sabendo que, em se tratando do princípio de morrer por alguém, a vida será algo de que você não irá dispor dali em diante? Ou então a efêmera oportunidade de se consagrar, transformar-se num herói? De repente, a possibilidade de receber em seu túmulo coroas de flores enviadas por tantos desconhecidos, buquês de gerânios, rosas, margaridas e lírios deixados pelas mãos trêmulas e os olhos emocionados de quem acompanhou seu ato de coragem pelos noticiários? Talvez a chave da cidade, entregue em cerimônia solene na Câmara de Vereadores a algum representante seu, porque, obviamente, você não estará ali, nem nesse mundo mais, para agradecer pelos louros com um discurso humilde, no qual diria coisas bonitas como: “Só fiz o que qualquer um no

meu lugar faria” ou “Se tivesse que repetir, faria tudo da mesma forma” – ainda que soubesse tratarem-se essas de duas mentiras monstruosas? E ter uma praça batizada com seu nome? Uma creche nomeada em sua homenagem? Um obelisco, que poderia bem ser uma estátua de mármore branco de forma indefinida, lapidado em lembrança à sua memória? Algum desses motivos seria forte o suficiente?

Geralmente o nível de heroísmo do ser humano se liga diretamente a dois fatores: de forma diretamente proporcional à sua capacidade para enfrentar o perigo e, ao contrário, de um jeito inversamente proporcional à força de sua razão. No primeiro caso, existe a mistura de vários outros elementos: habilidade, perícia, técnica, treinamento. É o caso dos super-heróis do dia-a-dia, daqueles que não usam capa nem têm super poderes, mas que trabalham constantemente pondo a vida em risco para contribuir com o bem-estar e a segurança dos demais. No segundo caso, encontram-se as pessoas normais, seres cotidianos, que, quando postos frente a frente com as dificuldades, se jogam de cabeça em ajuda ao próximo, sem medir os riscos, sem reconhecer suas limitações. É o caso do nativo que vê um turista se afogando nas águas turbulentas de um mar agitado e se lança ao resgate com braçadas seguras e vigorosas, apenas para, segundos antes de também ele ser envolvido pela fúria do oceano, perceber que não sabe nadar tão bem. E ali, onde antes havia um, agora permanecem dois corpos afogados.

Apesar da pouca luz vinda do único poste acesso, não posso dizer que ela tenha passado despercebida.

Estávamos em uma pequena praça, uma ilha artificial de natureza incrustada a certa altura do caminho entre minha casa e o trabalho. Não sei dizer se já era noite ou se ainda estávamos no final da tarde. Mas era certo que o frio começava a castigar com mais intensidade, as pessoas caminhavam com mais celeridade e os poucos pássaros que ainda cruzavam o céu seguiam na mesma direção. Naquele dia resolvi cancelar todos os meus compromissos da noite de quinta-feira. Não me sentia bem. Provavelmente a mudança do clima, uma frente fria vinda do oceano, uma massa de ar polar enviada diretamente da Argentina ou outra

desculpa qualquer tenha desestruturado meu sistema imunológico. Eu sentia a presença cada vez mais concreta de um resfriado. A garganta já começara a arranhar. Eu tossia de vez em quando. Pelo corpo já sentia dores que não eram aquelas naturais do cansaço de todo dia. Ao sair do trabalho, fui direto para casa. Eram apenas quinze minutos de caminhada, em meio aos quais se encontrava aquela praça.

Aquela foi a primeira vez que a vi.

Ela lembrava minha avó. Talvez fosse alguns anos mais nova, mas os cabelos quase completamente brancos, distribuídos por toda sua cabeça em fios finos, que balançavam mesmo diante da atuação quase imperceptível da brisa soprada dos confins do mundo, passavam a clara impressão de muitos anos vividos. Era pelo menos um palmo mais baixa do que eu e alguns quilos mais pesada. Trazia suas formas acomodadas gentilmente dentro de um singelo vestido de tecido estampado – flores marrons e pretas, arabescos indefinidos e outras artes que não consegui distinguir –, transmitindo paz e serenidade. Não sei bem por que razão, mas eu tinha certeza de que, se chegasse perto dela, sentiria em seu perfume uma combinação de alfazema, lavanda e bolinho de chuva numa tarde cinza de inverno. Ou, quem sabe, o gosto de trigo e fermento misturados na massa caseira do pão recém colocado no forno. Ou do aroma do café que subia numa nuvem de fumaça reconfortante e acolhedora.

Ela deveria, assim como eu, estar voltando para casa depois do trabalho. Numa das mãos trazia uma sacola de supermercado, da qual se projetava majestosa a coroa espinhenta de um abacaxi maduro. Com a outra, segurava com firmeza uma das alças de sua bolsa.

A outra alça, logo percebi, era agarrada com vigor por um rapaz, não muito mais jovem do que eu. Poderia ser seu neto, pensei. Mas a certeza de que os netos normalmente não apontam armas para o peito das avós, nem projetam seus corpos sobre os delas de forma viril e ameaçadora, dizendo coisas do tipo “Perdeu! Perdeu, tia!” logo me fez mudar de ideia.

Aquele marginal não era neto dela, assim como eu também não o era.

Ele a estava assaltando.

O instinto de sobrevivência da raça humana certamente é o grande responsável por termos chegado até onde chegamos. Ainda assim, não há como negar que, muitas vezes, ele se mostra completamente burro. Se não formos espertos o suficiente para saber o momento em que devemos ignorá-lo, corremos sério risco de nos machucar.

Por isso eu não julgo as atitudes daquela mulher. Naturalmente, seria de se esperar que, frente à ameaça, por exposta que estava ao perigo, ela largasse logo a bolsa. Mas, no calor do momento, ela acabou confundindo seus movimentos. A mão que afrouxou a pegada não foi a que segurava a bolsa, e sim a que sustentava a sacola do mercado. Como em câmera lenta, portanto, o abacaxi portentoso se chocou contra o solo de forma lânguida, poeticamente fazendo vezes de prenúncio de alguma conseqüência desastrosa eminente.

Numa luta ferrenha contra o assombro, a velha senhora agarrou a bolsa com as duas mãos, tentando puxá-la para perto de si.

Foi nesse momento que nossos olhares se cruzaram.

Apenas por uma fração de segundos, tempo suficiente para que eu notasse o desespero que tomava conta dela. A súplica velada daquela mirada me atingiu como um soco no estômago. Fez minhas pernas congelarem e um incômodo calafrio nascer na base de minha espinha. “Por favor, me ajude!” – ouvi seus olhos suplicarem.

Da forma como a cena se desenrolava, não seria difícil fazer qualquer coisa. Eles estavam poucos metros à minha esquerda, talvez não mais do que dez ou doze passos. Ela estava virada para mim. Ele, de costas. Seria fácil aproximar-me por trás, atingi-lo com alguma coisa pesada – talvez uma pedra ou mesmo uma garrafa de vidro jogada no lixo –, desarmá-lo, imobilizá-lo, esperar a chegada da polícia e receber todo o carinho e os infinitos agradecimentos daquela senhora cuja gratidão eternamente eu teria. Quem sabe ela até me convidasse para ir visitá-la numa tarde de domingo para que pudéssemos comer uma fatia de bolo, tomando café e jogando conversa

fora. Ou, quem sabe, fizesse o marido me chamar para a festa de aniversário de casamento deles, marcada para dali a alguns meses (“Não vai ser nada muito chique, só um churrasco lá em casa, uma reuniãozinha entre a família e os amigos mais próximos”).

Mas... e se não desse certo? Havia inúmeras possibilidades de ver esse maravilhoso plano de salvação ser reduzido a pó num piscar de olhos. Ou num clique do gatilho do revólver. Ele poderia ouvir minha aproximação. Aí então se viraria na minha direção e, como reflexo automático, puxaria o gatilho. Em não mais do que três segundos, eu me veria caído no chão, com um buraco no peito, ao redor do qual a mancha obscena de meu sangue derramado cresceria num fluxo constante. Se tivesse sorte, a bala poderia me acertar na cabeça, trazendo o fim de forma mais imediata. Provavelmente, nessa situação hipotética, não me sobraria sequer a opção de fugir. Porque, ao me virar, o projétil atingiria minhas costas, causando sofrimento tão agudo que eu desistira, inclusive, de berrar de dor. Esse seria o simples resultado de uma vértebra dilacerada, da medula espinhal rompida, dos movimentos que abandonariam minhas pernas para sempre.

Confesso: nunca acreditei que algum dia pudesse despertar dentro de mim aquele heroísmo recôndito que se confunde com o perfeito altruísmo. Nem mesmo ali, passando pela praça, naquele fim de tarde/começo de noite, pensei que isso fosse capaz de acontecer. Porque, no fim das contas, sou apenas humano. Tenho inúmeras qualidades, mas reconheço meus defeitos.

Por isso, não sustentei o olhar.

Não atendi ao chamado.

Não respondi ao pedido de ajuda.

Simplesmente abaixei a cabeça e continuei andando.

A caminho da segurança.

Rumo ao conforto de minha casa.

Deixei para trás a velha senhora, quem lembrava minha avó.

Aquela foi a última vez que a vi.

Antes mesmo de virar na esquina seguinte, houve um barulho.

Um tiro.

Apenas o estampido seco de uma bala se projetando no ar.

Em seguida, passos acelerados.

O ladrão, agora assassino, passou correndo ao meu lado.

Numa mão, o revólver com o cano ainda fumegante.

Na outra, uma bolsa.

Ele não se deu ao trabalho de me olhar.

Eu também não levantei a cabeça para fitá-lo.

Em nenhum momento me virei para ver o que tinha acontecido.

De algum jeito mórbido, eu já sabia.

Assim como já sabia, ao chegar em casa, que o simples ato de fechar a porta às minhas costas não serviria para apagar o passado.

Quando, então, minhas pernas perderam as forças, minhas costas escorregaram pela porta e eu me sentei no chão, com o peito pulando em meio a um choro convulsivo, entrecortado por soluços, lamentos e culpas, eu descobri um motivo forte o suficiente para permitir a alguém dar sua própria vida por alguém. Aprendi de forma cruel naquele momento que a verdadeira força de uma pessoa não vem de si mesmo, mas dos outros.

E, com toda a força ainda presente em meu coração, desejei ser um herói, mesmo que por breves minutos, apenas para sentir no peito a satisfação de poder olhar para trás sem ser mutilado pelas garras infectas do remorso.



1º Lugar

**Orlando
Coelho
Filho**
APCEF/MG

Brumadinho

Para mim as jazidas
Para vós os jazigos
A mim as margaridas
A vós a lama fétida.
Valesse só uma vida
O que ela por se vale
Não haveria esse vale
De lágrimas barrentas.
Soterrados vivos, vivos!
no meio dos sonhos.
Valessem duzentas
A vida como o crivo
Até do que suponho.
E não esse medonho
rio de corpos e argila
Rejeitos das usinas
Que valem privadas
Que valem privadas
Menos que as retinas
Cerradas pelo barro.
Em corpos rejeitos
Na terrível descarga
De lucros macabros
Infames e suspeitos.
A mim as jazidas
Para vós os jazigos.



**Fernando
Costa Filho**
APCEF/RN

O reino do bobo

Minotauro da mitologia
Pega esse ministro
Que teme a filosofia
Abaixo o desgoverno
Que o pensar silencia
Que faz da ignorância
Sua meritocracia
Um rei mal coroado
Por súditos enganados
Com príncipes loucos
E bobos condecorados
Um déspota não esclarecido
Um rei fora do baralho
Pensamentos Apodrecidos
em um barril de Carvalho
Um bobo da corte
Pensando ser o rei
Passando a tropa
Por cima da lei
A cerca de intolerância
Tem "Mourão" fortificado
De preconceito e ignorância
Teu governo está cercado
Deforma a previdência
Não valoriza à cultura
Patrulha a consciência
Envenena a agricultura
O agronegócio governa
Quer transformar em crime
A luta justa pela terra
Falsificando a história
Persegue a oposição
Censura o pensamento
Taxa de doutrinação
Cortou os investimentos
Em ciência e educação
Seu ministério é um covil
Lobos em pele de cordeiro
Promovendo ataque vil
Contra o povo brasileiro



**Leocádia
Castro**
APCEF/RR

Na lama jaz

Serpenteando
A lama corre
Vai soterrando
O pai que morre.

É bicho, é gente
Que ali padece
Tão impotente!
Só resta a prece.

A fauna, flora
Lençol freático
que se colora
Monocromático.

Um sépia horrendo
De lixo e escórias
Que, escorrendo,
Enterra histórias.

Solo infecundo
Rio sem caminho
No lodo imundo
Jaz Brumadinho.



Talentos Feneae/ Apcef

ETERNIZE SUA ARTE



2019



LASCA





TALENT





TALENTOS













TALENTOS

✧ FENAE ✧ APCEF

www.fenae.org.br/talentos

